

O COTIDIANO ESCOLAR E OS IMPACTOS DA TEORIA *QUEER* FACE À PEDAGOGIA HETEROSSEXISTA¹

DAILY LIFE IN SCHOOL AND THE *QUEER* THEORY EFFECT FACING HETEROSSEXIST PEDAGOGY

Aldones Nino*
Paulo Jonas de Lima Piva**

A pedagogia tradicional é hegemonicamente heterossexista. A vivência escolar cotidiana nos fornece inúmeros e lamentáveis exemplos dessa realidade ideológica encarnada na figura do “abjeto”. Esta comunicação tem como finalidade fazer uma crítica a essa pedagogia heterossexista tendo como base a *teoria queer* e o seu horizonte de uma escola mais pluralista e, de uma criança, um futuro adulto mais tolerante.

É possível se repensar o espaço significativo de reflexão filosófica, para que componentes de fundo moral, sexual, ético e político, possam realmente se integrar na prática pedagógica das escolas? De uma perspectiva histórica, é interessante voltar aos anos 90 e então verificar como variantes teóricas vão se ajustando socialmente. A *teoria queer*, por exemplo, se consolida como corrente intelectual, tendo como uma das fontes filosóficas principais as reflexões de Michel Foucault sobre a sexualidade. Outras de suas fontes importantes foram os trabalhos sobre gênero de Judith Butler e as pesquisas de Eve Sedgwick, pensadoras que interpretam a homossexualidade e a heterossexualidade como construções históricas e sociais, logo, como noções que podem e devem ser repensadas e modificadas. Nesse sentido, a *teoria queer* desenvolveu uma crítica contundente contra as premissas naturalizantes usadas pelo conservadorismo para justificar e legitimar a discriminação e a heteronormatividade. Vale assinalar que a *teoria queer* não se resume a

¹ Esta comunicação foi apresentada na semana acerca do I Encontro de Filosofia e Gênero, realizado de 15 a 17 de Maio de 2013, na Universidade São Judas Tadeu em São Paulo, SP, Brasil.

* Graduando do curso de Filosofia da Universidade São Judas Tadeu. Email: aldones.c@gmail.com

** Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professor da Universidade São Judas Tadeu. Email: pjlpiva@hotmail.com

uma luta ligada à sexualidade; ela se volta também para um combate contra falsos valores que são usados como justificativas para a discriminação. Trata-se de uma luta que envolve não apenas gays e sim todos os que são vistos como impossibilitados de fazerem parte da escala da normalidade.

Essa teoria teve também impacto nas formas pedagógicas e nas críticas ao sistema de formação nas escolas. Não basta mais que a criança ou o adolescente possa ter o domínio de um acervo de informações e ser também levado a construir preciosas habilidades lógicas. É preciso, antes de tudo, auxiliar e mesmo promover formas de vivência da individualidade e da sociabilidade, para que bases morais e éticas possam ser repensadas e constituídas por meio de uma experiência vivida condizente com as expectativas da dignidade humana de cada um.

Nos termos da comunicação apresentada, discorreu-se, em primeiro lugar, sobre a concepção da *teoria queer* para, em seguida, se verificar sua contribuição nos bancos escolares. Para melhor entender essa teoria, temos também aqui de recorrer à história, mais exatamente à segunda metade do século XX, época em que ocorre o nascimento de novos movimentos sociais, como o movimento pelos direitos civis dos negros do sul dos Estados Unidos, a segunda onda do movimento feminista e o movimento homossexual. Esses movimentos reivindicavam fundamentalmente dignidade e respeito da sociedade. Com isso revelaram que a sociedade burguesa era muito mais ampla e complexa do que a velha distinção sociológica e marxista entre burgueses e proletários. Em outras palavras, esses movimentos mostraram que a desigualdade ia muito além das injustiças econômicas e de classes. Os “abjetos” surgem como novos personagens sociais em meio a esse processo. Explica Richard Miskolci que o termo “abjeção” refere-se “ao espaço que a coletividade costuma relegar a aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2012, p.24).

A Rebelião de Stonewall, ocorrida em junho de 1969, foi o ponto de partida das lutas dos movimentos homossexuais, as quais foram ganhando força e espaço com o passar dos anos. Contudo, o objetivo central do movimento que surgiu com essa rebelião foi lutar pelo direito e pelo reconhecimento de homossexuais brancos, alfabetizados e religiosos, deixando de lado os não-brancos, analfabetos e sem religiosidade. Mas tal movimento

surgido em Stonewall foi também reprodutor dos valores e preconceitos da classe dominante.

Como reação não só ao conservadorismo sexual tradicional, mas também ao movimento homossexual até então hegemônico, surge nos Estados Unidos a “*Queer Nation*”, cuja tradução literal é algo próximo de “nação anormal”, “nação esquisita” (MISKOLCI, 2012, p.24). A intenção desse novo movimento era mostrar que não existia apenas uma minoria que lutava contra a “abjeção” e sim toda uma nação que é deixada de lado e criticada pela sociedade orientada, por exemplo, pela higienização, quando os homossexuais e pessoas que viviam de forma dissidente eram vistos como indivíduos sujos e contaminados, inspiradores, portanto, de medo e nojo. A propósito afirma Richard Miskolci:

Vale lembrar que *queer* é um xingamento, é um palavrão em inglês. Em português, dá a impressão de algo inteiramente respeitável, mas é importante compreender que realmente é um palavrão, um xingamento, uma injúria. A ideia por trás do *Queer Nation* era a de que parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo da contaminação. É assim que surge o *queer*, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela AIDS. (MISKOLCI, 2012, p.24)

O movimento homossexual tradicional lutava por aceitação e incorporação social de uma minoria violentamente discriminada. O movimento *queer* mobiliza-se então por essa aceitação e incorporação, porém, criticando os padrões e os ditames de comportamento que impediam os homossexuais de fazerem parte dessa sociedade de maneira efetiva. Historicamente, a expressão “teoria *queer*” foi usada pela primeira vez por Teresa Lauretis, em 1991. Ela empregou tal expressão na tentativa de juntar as muitas pesquisas sobre a questão homossexual que se encontravam dispersas. Assim, aquilo que surge primeiramente como um movimento de luta política, o “movimento *queer*”, transforma-se também numa corrente teórica, a “teoria *queer*”. Esta se destaca, sobretudo, por repensar as categorias de normal e de anormal, questionando sempre o modelo heterossexista como o determinante das relações humanas. Quanto maior o afastamento do padrão tradicional de normalidade, maior será o preconceito e a rejeição de alguém pela sociedade. O preconceito contra os gays que destoam do padrão heterossexista ocorre também entre os próprios gays, que reproduzem em suas falas e condutas essas normas.

As escolas exercem grande influência na constituição moral dos indivíduos, repassando aos alunos os valores vigentes. Praticamente todas as escolas funcionam sob o clima ideológico do heterossexismo. Constatamos tal realidade já nos conteúdos dos materiais didáticos. A existência de casais fora do padrão da heterossexualidade é praticamente excluída dos livros escolares, fomentando assim uma valorização da heteronormatividade nas relações e tornando o universo infantil afeito a tais determinações (LOURO, 2000, p.48).

O ambiente hostil às diferenças sexuais força muitos alunos tanto a esconderem seus afetos, quanto a apontarem ou a negam em si mesmos o que lhes é recusado pelos outros. Estar a salvo do implacável riso alheio pode corresponder a consentir na discriminação de outrem. Assim sendo, rir do outro passa a ser também uma forma de defesa. A escola passa a ser então um ambiente de medo, humilhação e coerção, onde as crianças rechaçam a anormalidade dos outros como forma de disfarçar a sua própria anormalidade. Nesse caso o riso se faz uma arma, como escreve Bergson: “O riso é, antes de tudo, um castigo. Feito para humilhar, deve causar à vítima dele uma impressão penosa” (BERGSON, 1983, p.92).

Ser viril é a exigência para que um garoto seja aceito e respeitado no seu meio escolar. A escola torna-se um palco onde ele expõe essa virilidade e assim ganha admiração de todos. Em relação às meninas, as normas também são determinantes. Uma menina que se comporta de forma a negar bonecas e a gostar de futebol, por exemplo, logo é reprimida e estimulada a se dedicar a brincadeiras tidas como femininas.

A escola é muitas vezes o local onde, muito antes até de saber sobre sexo, a criança aprende o que deve ser o feminino e o masculino. Meninos e meninas são separados e a partir daí percebem então o seu lugar no mundo, com seu grupo e suas características. Ser menino é algo diferente de ser menina. Dito de outro modo, a diferença é uma das primeiras marcas que aprendemos no processo escolar, quando, na verdade, as crianças deveriam aprender que antes de sermos meninas ou meninos somos seres humanos.

No discurso tradicional e homogeneizador a escola deve garantir que suas crianças se tornem homens e mulheres “verdadeiros”, ou seja, em conformidade com as formas hegemônicas de masculinidade e de feminilidade (LOURO, 2000, p.49). Em contraposição, o que novas propostas pedagógicas evidenciam é que novas práticas escolares sejam propostas para que a variedade de desejos e de comportamentos sexuais seja incluída num

mesmo currículo, evitando assim a abjeção tão comum nas escolas atuais. Em suma, a *teoria queer* apresenta-se como essa proposta, como uma ferramenta teórica e política de emancipação efetiva dos anormais da sociedade da heteronormatividade. No caso da pedagogia em específico, ela pode ajudar a moldar racionalidades e sensibilidades mais tolerantes e mais inclinadas para a empatia. Nesse sentido, a reflexão filosófica inserida nos currículos das escolas poderia contribuir na aquisição de maior autonomia para compreender e criticar sentidos, conceitos e valores que possam nortear a prática das vivências singularizadas no mundo.

Referências Bibliográficas:

BERGSON, H. **O Riso**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FRY, P. e MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

GIDDENS, A. **A Transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

LEITE, J. J. **Nossos corpos também mudam: Sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo- PUC-SP, 2008, Tese (Doutorado em ciências sociais).

LOURO, G. L. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto Editora: Porto, 2000.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.